

Parkour!(?) Ah sim! É um peixe bom de comer!

Caio Henrique Guerra Barbosa

Tecendo caminhos por uma prática pedagógica apoiada no currículo cultural da educação física, o projeto reatado a seguir acontece no colégio (particular) Nosso Horizonte, localizado na região Sul da cidade de São Paulo, no Jd. Prudência, próximo a Interlagos, com a turma do 7º ano.

Desde o ano anterior já foram realizados os projetos com base nos princípios do currículo cultural e pós-crítico. A decisão para a tematização do Parkour para o projeto ocorreu após consulta ao mapeamento feito com a turma e no bairro ao redor do colégio. Já para dar o primeiro passo realizamos um mapeamento do que tínhamos conosco referente ao Parkour. Não o peixe Pacu, a prática corporal que de acordo com a primeira pesquisa realizada por um aluno advinha da França e tinha influências militares.

Tá doido. É aquela parada de pular os prédios mano, militar é outra coisa. E assim começamos a caminhar em passos interessantes, fizemos neste primeiro momento um registro na lousa do que ligamos de alguma forma ao Parkour. *Coisa doida, aventura na cidade, escalada de obstáculos, bom pro corpo, pulo, salto, agilidade, força, aterrissagem, rolar, atravessar obstáculos e outros.* Em nosso primeiro momento de prática fomos encontrando obstáculos no entrono da quadra e tentávamos atravessar de diferentes formas, depois a turma foi dividida em dois grupos e continuando a mesma atividade (*Será que existe grupo de Parkour?*), no final solicitei que um dos alunos trouxesse uma pesquisa sobre o Parkour e uma sobre grupos de Parkour.

Então, na pesquisa deu que é da década de 90 e para preparar um corpo guerreiro daí trouxe umas imagens e vi que existe uns grupos de Parkour por ai.



Enquanto as imagens passeavam de mão em mão pela sala fui lendo uma folha “resumo” que o pesquisador trouxe, descrevia o Parkour (ou Le Parkour foi criado na França, por alguns rapazes que tinham influência do pai e avô de um deles, os quais eram ambos militares (percurso do combatente); pode ser uma filosofia de vida, junção das atividades militares com a cidade, desafio individual, sem competição, chegou no Brasil em 2004 e hoje tem grande número de praticantes pelo mundo, e muitos destes se dividem em grupos para treinarem juntos, confraternizarem e se unirem).

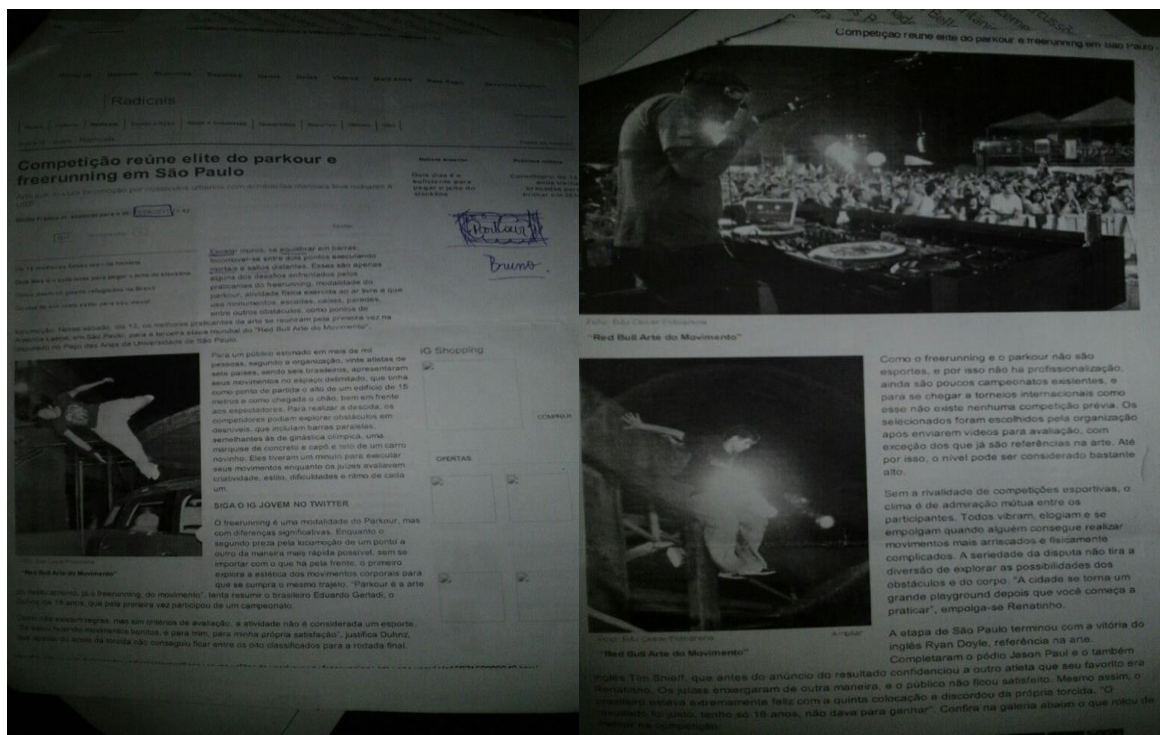
Continuamos olhando as imagens atento aos corpos, as roupas, os movimentos, os obstáculos, que e voltamos aos que encontramos pela quadra e voltamos a atravessá-los. Durante a análise das imagens alguns discursos foram problematizados e discutidos, foram travados basicamente com a preocupação em “limitar” a margem de quem pode e quem não fazer ou ser Parkour. *Eita, mina também pode. Olha tem de tudo nesse grupo. Mano não tem essa, se a pessoa quiser ela faz tio, pode ser gordo, magro, veio, novo, alto, baixo.*



Uma aluna trouxe uma lista de exercícios com nome e descrição, que também usamos este material, analisando os nomes, a execução, a técnica. Os alunos se empolgavam enquanto praticavam o Parkour da turma, mas nos discursos e reações ao analisarem os materiais e juntarem a prática existiam sempre pontos divergentes como: medo, confiança; militar, vagabundo; bom, ruim; da rua, da escola; indústria, princípios; competição, filosofia; nestes momentos durante o projeto sempre escolhia um dos alunos para fazer uma breve

pesquisa mostrando diferentes visões dos pontos diferentes e passava nas rodas e grupos mostrando o que coletou.

Deixei a turma livre para pegar o giz e rabiscar toda lousa de “Parkour”. Teve grafite, desenho, frases, opiniões, sensações, jogo virtual. Falamos um pouco do que tinha mudado d e antes do início do projeto até o momento na relação com a prática tematizada e assistimos alguns vídeos encontrados na internet, momento que teve continuidade na prática das novidades vistas nos vídeos. Podemos averiguar uma ligação com a mídia e algumas mudanças na prática, patrocínio, interesse financeiro, competição, expansão da prática.



Decidimos montar um blog e para isso nos dividimos em equipes (não necessariamente com os mesmos membros sempre), filmagem, fotos, edição, praticantes, organizadores (apenas juntar tudo para publicar).



Em outra pesquisa apareceram dois nomes David Belle (um dos criadores, filho e neto de militares) e uma definição da filosofia do Parkour com algumas frases. "Ser e durar; "Ser útil." Montamos a nossa definição: *Parkour é uma cultura que desafia limites; Allahu (explosão) Roukrap (Parkour)*. Encontramos alguns jogos, comerciais e filmes que continham o Parkour e surgiram algumas dúvidas, tem um tipo de roupa e música específico? Pedi que eles fizessem, em grupo, um desenho ou música que tivesse um resumo do projeto e em segundo momento apresentassem em forma de teatro aos demais grupos.



Um dos alunos deu a idéia de que entrevistássemos algumas pessoas para saber o que sabiam sobre o parkour, foram funcionários, familiares, praticantes e colegas entrevistado e finalizamos com uma entrevista virtual, via áudio instantâneo com Leonard Akira do grupo Le Partanos, trocamos imagens e batemos um papo além das respostas sobre muitas das

